

A NOVA DIREITA E A EMPATIA CRÍTICA DO PESQUISADOR

The New Right and Researcher's Critical Empathy

ENTREVISTADA

Camila Rocha ^a

 <https://orcid.org/0000-0001-8291-9149>

E-mail: camilarocha44@gmail.com

^a Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, São Paulo, SP, Brasil

ENTREVISTADOR

Renan Rivaben Pereira ^b

 <https://orcid.org/0000-0002-9972-226X>

E-mail: renanpereira10@hotmail.com

^b Universidade Estadual de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História,
Florianópolis, SC, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia. Nova direita. Bolsonarismo.

KEYWORDS: Empathy. New Right. Bolsonarismo.

Camila Rocha é doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e sua pesquisa de doutorado sobre as novas direitas no Brasil ganhou o prêmio de melhor tese da Associação Brasileira de Ciência Política e o Prêmio Tese Destaque USP 2020 na área de ciências humanas. Em 2021, a pesquisa deu origem ao livro *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*, lançado pela Editora Todavia. Com base em fontes digitais, documentos de organizações civis e entrevistas, Camila Rocha perseguiu os passos de sujeitos e instituições responsáveis pela difusão dos ideais neoliberais e conservadores no Brasil desde o final da década de 1950. Além disso, ela investigou como se deu o nascimento e ascensão da chamada nova direita e as ideias e ações que a distinguiram como tal.

Camila Rocha continua publicando artigos sobre o tema, principalmente, o bolsonarismo e o seu *modus operandi* (ROCHA; MEDEIROS, 2021). Nessa entrevista, realizada em novembro de 2021, ela expôs a sua trajetória acadêmica e as inquietações que a guiaram. Quando falamos do seu método de pesquisa e suas referências teóricas, ela destacou a importância de trabalhos sobre as direitas políticas realizado por historiadores. Sua abordagem, assim como, as dos trabalhos citados dialogam diretamente com aquilo que o historiador italiano Enzo Traverso classificou de empatia crítica, ou aproximação *heteropática* (2012, p. 44). Além disso, questões pertinentes ao cenário eleitoral de 2022 foram evocadas, como o fenômeno do lulismo e um possível segundo mandato de Jair Bolsonaro.

Em sua opinião, por que a sua tese, que já ganhou dois prêmios e esse ano (2021) transformou-se num livro, vem chamando tanto a atenção do público e dos estudiosos da política brasileira?

Gostaria de agradecer muito pelo convite, conversar com vocês para mim é um prazer. Eu acho que chamou atenção porque acabou sendo um dos poucos trabalhos empíricos que foi realizado antes da ascensão do Bolsonaro ao poder e dos membros desse fenômeno que chamo de nova direita. Eu não fiz uma pesquisa que alguns colegas, na mesma época, fizeram que eram mais focadas na internet, no *Facebook*, fizeram grafos e coisas do tipo que são importantes. Eu fiz entrevistas com lideranças e militantes que foi um diferencial. Então chamou atenção, principalmente, porque a pesquisa reúne dados empíricos mostrando como se deu essa trajetória desse fenômeno [a militância da nova direita] ao longo do tempo.

Em diferentes lugares que você falou da pesquisa você ressaltou a qualidade do método utilizado. Eu gostaria que você falasse sobre ele e explicasse por que o considera inovador e de suma importância para o campo da ciência política e estudos acadêmicos similares.

A metodologia qualitativa compreende várias técnicas diferentes. Pode-se fazer entrevistas em profundidade, etnografia, grupos focais, enfim. Mas o ponto é que a maior parte delas é pouco utilizada no campo da ciência política. A antropologia se estruturou, basicamente, a partir da realização da etnografia, na sociologia também é muito comum, mas a ciência política (não só no Brasil) acabou se estruturando a partir da utilização de métodos quantitativos. Então isso [a metodologia qualitativa] acaba sendo uma coisa diferente no campo da ciência política.

Eu faço muita propaganda. Falo que a gente também pode se aproveitar dos resultados desses métodos porque eles podem oferecer uma visão diferenciada dos processos políticos e de como a gente os compreende. Muitos dos meus colegas ainda ficam desconfiados: “ah, mas você vai entrevistar as pessoas e elas vão te falar a verdade ou não?”. E, na verdade, é importante sempre combinar várias técnicas de pesquisa, e o fundamental é menos se perguntar se seu entrevistado está falando a verdade – porque isso sempre tem como verificar depois usando outras formas, como documentação e o que saiu na imprensa – e mais como aquelas pessoas conferem significado ao que elas estão fazendo. Porque a política depende muito disso: da percepção dos próprios atores e atrizes que estão ali se movimentando no cenário político. Então é importante o uso desse método para a gente entender em maior profundidade vários fenômenos políticos recentes.

Antes de entrarmos no seu livro e nos seus textos mais recentes, gostaria que você falasse sobre o seu mestrado. Em sua pesquisa de mestrado você estudou o petismo e o lulismo num bairro de periferia de São Paulo, a Brasilândia. Você pode comentar sobre essa experiência, os resultados da dissertação e, por fim, sobre essa força política que, apesar de tantos revezes, continua tão pulsante no cenário político brasileiro.

Pois é. Antes de eu estudar a direita eu estudei o outro lado, o petismo e o lulismo na periferia de São Paulo. Eu fui orientada pelo professor André Singer, uma das principais referências sobre o assunto, e a gente achou os resultados da pesquisa muito instigantes. Comecei a fazer a pesquisa em 2011 e defendi a dissertação em 2013, mas já na época a gente via que o lulismo era um fenômeno – pelo menos aqui em São Paulo porque várias outras grafias foram feitas pelos meus colegas com outros grupos daqui de São Paulo – um tanto frágil do ponto de vista, vamos dizer assim, de transformação de subjetividades. Basicamente, as pessoas votavam no PT, continuam votando no PT e votando no Lula, mas isso era feito com um sentimento de decepção e cinismo muito grande com a política em geral e com o próprio Partido dos Trabalhadores.

Eu continuo fazendo muitas pesquisas qualitativas, principalmente, para o terceiro setor junto da professora Esther Solano [Gallego] e isso é uma coisa que a gente continua observando. Mesmo hoje que gente sabe que vários institutos de pesquisa registram que o presidente Lula, para as próximas eleições, tem índices bastante elevados de intenção de voto, isso não significa que sejam pessoas que sejam entusiasticamente petistas ou lulistas. Pelo contrário, as pessoas sempre falam para a gente: “eu vou votar no Lula como o menos pior”. O que eu quero dizer é que não tem um vínculo muito forte das pessoas com o lulismo. Claro que no Nordeste é um fenômeno que afetou a população de uma forma diferente, mas para o restante do país é um vínculo enfraquecido. Ainda mais se a gente compara com o vínculo das pessoas, os apoiadores do Bolsonaro, com o presidente.

Voltando à sua tese de doutorado e ao livro publicado esse ano, você cita as pesquisas de Hélgio Trindade sobre o integralismo (1979) e o de Janaína Martins Cordeiro sobre a atuação a política das mulheres conservadoras na década de 1960 (2009) como fontes de inspiração para o seu trabalho. Como pesquisadores

do campo político e, especificamente, das direitas políticas quais contribuições esses trabalhos nos oferecem?

Para mim o trabalho de historiadores foi fundamental. Quando pensei em fazer o projeto de doutorado, eu me inspirei muito (cito-o várias vezes) no René Dreifuss, que fez trabalho excepcional sobre o golpe de 64 e, depois, sobre organizações de direita nos anos 80. O mais importante dessa historiografia – como os trabalhos do Hélió Trindade, da professora Janaína Cordeiro da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Rodrigo Patto Sá Motta – é que ela teve a sensibilidade de procurar compreender o objeto de análise eleito, justamente, levando em consideração as próprias percepções das pessoas [envolvidas] sobre o que acreditam e o que estão fazendo. Aí tem uma diferença que é muito importante ressaltar: uma coisa é você simplesmente, reproduzir aquilo que as pessoas estão falando, outra coisa é você levá-lo em consideração em sua análise. São coisas diferentes. Às vezes, as pessoas me perguntam: “ah, mas você está ‘dando de barato’ o que as pessoas falam?” Não é isso. Levar em consideração na análise [o que as pessoas expressam] é muito fundamental se a gente quiser desconstruir preconceitos e estigmas. É isso que todos esses trabalhos desses historiadores fazem e por isso acabaram se tornando referências. Enfim, trabalhos que conseguiram captar a complexidade de determinados fenômenos políticos com muita sensibilidade e que, não à toa, vários deles utilizaram do recurso da memória oral e entrevistas. Salvo engano, o Hélió não chegou a fazer entrevistas em profundidade, mas ele usou muitos *surveys* que, nesse sentido, foi pioneiro na época. O principal é ressaltar que foi dessa sensibilidade que eu procurei me apropriar para o trabalho que eu desenvolvi.

Empatia e sensibilidade são palavras que você utiliza com frequência para falar de sua pesquisa e do processo de amadurecimento quanto pesquisadora e pessoa que essa empreitada lhe proporcionou. Ao falar de empatia e pesquisa, o historiador italiano Enzo Traverso disse que a empatia com as vítimas e vencidos é algo indispensável para o pesquisador da história, porém não deixou de citar a importância do esforço que classificou de empatia crítica, realizado por Hannah Arendt em seu mergulho na mentalidade do nazista Adolf Eichmann. Nesse sentido, você considera que essa mesma empatia e sensibilidade faltaram a certas análises do campo progressista ao analisar os avanços dos seus adversários políticos? Era preciso, digamos, aceitar que o sucesso da nova direita ia além da dita alienação promovida pelas mídias golpistas?

Com certeza, eu não podia concordar mais. Existe ainda hoje um pensamento de que as pessoas que votaram no Bolsonaro e que ainda continuam o apoiando, ou mesmo outras lideranças de direita, fizeram ou fazem porque são alienadas, sofreram lavagem cerebral, são estúpidas ou não sabem o que estão fazendo. Na verdade, as pessoas têm, obviamente, argumentos racionais e suas próprias histórias e biografias que se conectam com várias características dos movimentos e das pessoas que elas escolhem apoiar no âmbito da política. A gente só sai perdendo em continuar fazendo análises desse tipo. Claro, uma coisa é a política como torcida de futebol e entendo que faz parte também, mas quando vamos fazer análise política precisamos sair dessa lógica de torcida para procurar, realmente, compreender em profundidade. Eu sei que às vezes isso acaba sendo difícil porque [o bolsonarismo]



é um fenômeno político extremista, radical e que ameaça a democracia no país do ponto de vista institucional e, também do ponto de vista societário, numa erosão de valores que foram sendo construídos a duras penas. Mas eu e outras pessoas que pesquisam o assunto temos certo consenso de que é necessário a análise de forma mais fria e complexa desses fenômenos para poder entendê-los.

Num diálogo com Habermas, Nancy Fraser, Michael Warner e outros pensadores, você utilizou-se do conceito de *contra-público* para pensar a nova direita brasileira em sua escalada ao poder. Nessa utilização, a subalternidade deixou de ser central no conceito para o elemento performático/poético assumir posição de destaque. Podemos classificar como parte dessa mesma performance disruptiva os xingamentos do Olavo de Carvalho, os berros do jornalista criminal Alborguetti, a atuação do humorista Carioca junto de Bolsonaro em frente ao Palácio do Planalto e, até mesmo, o protesto no consulado cubano em São Paulo, em 2014, onde militantes utilizaram uma canoa para representar a fuga do regime socialista?

Sim, é justamente isso. É um tipo de teorização pós-habermasiana que vai procurar entender essas dinâmicas da esfera pública e, principalmente, a partir da internet e de como as pessoas passam a se comportar com as redes sociais e tudo mais. Mas o importante é frisar como isso que eu e o sociólogo que trabalha comigo, o Jonas Medeiros, chamamos para simplificar de ‘política do choque’, é uma estratégia política que as pessoas usam de forma consciente. E isso é: por meio do choque você consegue chamar atenção das pessoas para aquilo que você está querendo dizer. Quando você falou, por exemplo, que o Olavo de Carvalho usa palavras para se expressar, o pessoal lá que usou um bote, ou até um candidato a deputado, o Paulo Batista, que queria um paraquedas para cair no meio da USP, tudo são formas de chamar atenção para o que está se querendo dizer. Acho que isso é muito importante porque a direita tradicional no Brasil, pelo menos que eu saiba, não tem registro de usar esse tipo de estratégia retórica para conseguir atenção, justamente, porque a gente sabe que historicamente a direita sempre esteve de alguma forma no poder em maior ou menor medida do ponto de vista institucional, como do ponto de vista societário também. Por isso que é uma coisa tão estranha. A gente pensa: mas se a direita sempre esteve no poder por que precisa chamar atenção desse jeito? Acho que isso é o interessante da coisa.

Você dedicou o livro a uma militante do liberalismo do Estado do Ceará, a Cibele Bastos. Você poderia contar mais sobre Cibele e dizer o quanto desse ato foi político e simbólico?

A Cibele é uma das pessoas de quem eu falo bastante no livro, ela é economista de formação. Ela fez economia na Universidade Federal do Ceará e lá montou com outros colegas um grupo de estudo chamado Dragão do Mar que acabou se tornando referência nacional para esse movimento ultraliberal de ideias do libertarianismo, liberalismo etc. Eles leram, por exemplo, *Ação Humana* do Ludwig von Mises que é um livro super longo, então era uma iniciativa muito séria da parte deles de se debruçar mesmo sobre essas obras. Por conta do ativismo e do interesse acadêmico, Cibele acabou vindo trabalhar no Instituto Liberal no Rio

de Janeiro que foi quando eu a conheci, em 2015. A gente dividiu ali a mesma mesa de trabalho, almoçávamos juntas, conversávamos e acabamos ficando amigas. O que me chamou a atenção na Cibebe – e, justamente, esse é um dos motivos pelos quais eu dediquei o livro a ela – é que um dia ela me falou assim: “eu na verdade fazia um trabalho de formiguinha no *Orkut* e lá a gente já fazia militância online”. O *Orkut* é uma rede que ficou popular no Brasil antes do *Facebook* e aquilo me despertou. Eu comecei a fazer as entrevistas e a puxar o fio a partir daquilo. Enfim, a Cibebe é uma pessoa muito engajada que, realmente, acredita naquelas ideias e, podemos dizer, que ela é uma representante fiel dessa militância ultraliberal.

Para além disso, outra coisa que me chamou atenção é que nesse ambiente, majoritariamente masculino branco e de classe média alta a Cibebe, uma mulher nordestina, se destacava. Às vezes, as pessoas também acham que não tem diversidade nenhuma nesses movimentos. Infelizmente, é claro que, como na maior parte dos espaços da esfera pública no Brasil, ainda é pouco mas outras mulheres e pessoas que vieram das classes populares e que ascenderam por meio do movimento estão ali – o próprio Fernando Holiday e o Kim Kataguri têm origem nas classes trabalhadoras. Então eu achei importante ressaltar isso porque, inclusive, essa é uma das mudanças no campo das direitas. Essas pessoas que têm essas trajetórias trazem temas importantes para o campo das direitas, como a discussão sobre o lugar das mulheres, as pessoas LGBTQs e outras propostas. Enfim, ainda que diferente da forma que a esquerda faz, tem gente no campo das direitas que defende os direitos de pessoas negras, LGBTQs, mulheres etc. De alguma forma essas pautas estão sendo incorporadas e a Cibebe simboliza isso.

Camila, você participou recentemente do programa *Conversa com Bial* junto do cineasta Josias Teófilo, um declarado apoiador de Bolsonaro. Na entrevista, ele negou que Bolsonaro apostará, em 2022, numa ruptura institucional, mas disse que se reeleito chegará para ficar e se transformará num novo Getúlio Vargas. Em outras falas, Josias colocou o bolsonarismo como um movimento de massas e que sua comunicação seria mais simples e direta do que a do próprio ex-presidente Lula. Getúlio e a tradição varguista nos remetem a junções variadas do campo político brasileiro, porém a liberal, sem dúvida, seria a última. Essa comparação do Josias indicaria que o neoliberalismo econômico do governo, representado na figura do Paulo Guedes, não é, definitivamente, o que leva as pessoas às ruas na defesa de Bolsonaro? Num possível segundo mandato, se Bolsonaro mais estatizar do que privatizar, isso acarretaria perdas na sua base de apoio? E, por último, você assistiu os documentários de Josias?

Assisti os dois documentários do Josias que são relacionados à direita. Tanto o filme que ele fez sobre o Olavo de Carvalho, como o documentário sobre o período que vai de junho de 2013 até a eleição do Bolsonaro.

Eu acho que essa comparação que o Josias faz com o varguismo se dá, principalmente, pensando no papel que o Vargas teve na constituição de uma imagem para a nação. E, inclusive, ele falou disso no lançamento do documentário que se preocupa muito com a questão da arte. Ele até defendeu a validade da Lei Rouanet.¹

¹ A Lei Rouanet, n. 8.313/1991, foi intensamente debatida e comentada nos últimos anos, visto que setores

A minha impressão é que ele está pensando mais nesse sentido, quer dizer, num governo que financie artes e humanidades e que consiga fomentar e produzir uma nova imagem do Brasil a partir desse viés bolsonarista.

Agora a questão do Paulo Guedes. Eu sempre achei que o Paulo Guedes e essa defesa radical do liberalismo econômico são, completamente, descartáveis para o bolsonarismo. Ele pode se livrar disso do mesmo jeito que se livrou do Moro. A relação disso a gente, eu e a Esther, vê muito nas entrevistas que temos feito no qual as pessoas têm uma relação direta com o Bolsonaro. Perguntamos: “e se o Paulo Guedes sair do governo?”, e elas respondem que não tem problema porque entra outro e é vida que segue, ou que seria chato, mas do mesmo jeito que saíram o Moro, o Mandetta e outros, e é vida que segue. Então se de repente o Jair Bolsonaro começasse a querer investir num programa econômico mais estatizante ou conservador, diferente do que o Guedes propõe, as baixas seriam pequenas do ponto de vista do eleitorado. É claro, que do ponto de vista dos quadros do governo e do apoio do mercado geraria problemas. Eu penso que essa questão, por exemplo, do aumento do programa Bolsa Família que agora renomearam com outro nome é, justamente, essa discussão: vai furar o teto de gastos ou não vai? E o Bolsonaro está pressionando para furar o teto e aumentar o benefício.² Então, é muito visível que as pessoas que gostam do Bolsonaro adaptam o discurso e têm racionalização e argumentos nisso. Eu concordo com o Josias que, de fato, é um movimento de massas e o apoio dessas pessoas significa, diferente daquelas que apoiam o Lula, ir para a rua e estarem dispostas a se mobilizar em prol do presidente fisicamente e online. Acho que é uma coisa muito mais forte mesmo.

A escritora e pesquisadora irlandesa Angela Nagle demonstrou em seu livro *Kill all normies* (2017) que, além das homéricas investidas da direita norte-americana emergente da internet sobre feministas, socialistas e liberais, existe um embate contra os antigos conservadores. Segundo membros da *alt-right*, os antigos conservadores seriam os *cuckservatives*, ou seja, derrotados da guerra cultural que se conformam em ver suas mulheres se deitando com imigrantes não brancos. No nosso contexto, como você analisaria essa relação entre o bolsonarismo e o conservadorismo? No que o bolsonarismo e o conservadorismo brasileiro seriam diferentes?

Isso é uma coisa que ficou muito visível não só nas entrevistas que eu fiz com militantes, mas também naquelas que a gente vem conduzindo com eleitores e eleitoras, que é a questão dos costumes e como ela é central para o bolsonarismo. Isso

da nova direita diziam que a Lei era uma forma dos governos petistas transferirem exorbitantes somas de dinheiro aos artistas e, assim, comprarem apoio. Sobre o real significado da Lei, ver SALDANHA, B. de S. A aplicabilidade da Lei Rouanet para a promoção de uma base cultural axiológica. *Revista de Direito*, [S. l.], v. 12, n. 02, p. 01–23, 2020.

² O teto de gastos é um mecanismo fiscal que entrou em vigor em 2017 no governo Temer e limita as despesas do estado e investimentos públicos por 20 anos. A medida, amplamente, defendida por agentes econômicos, economistas liberais e grandes veículos de imprensa, contribuiria para que o estado brasileiro diminuísse e ressurgisse dentro de pilares neoliberais, como sempre defendeu Paulo Guedes. Sobre o teto de gastos e como ele afeta nossa economia ver CARVALHO, Laura. *Valsa Brasileira: Do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia. 2018, p. 119-123.

é tão nítido que, às vezes, a gente vai fazer uma entrevista com outra pauta e essas pessoas dizem que fazem questão de falar que são a favor da família, contra a sexualização precoce de crianças e que isso não pode ser discutido nas escolas porque a esquerda diz que tudo bem se as crianças quiserem mudar de sexo, mas que isso é errado e tal. Então isso com certeza é algo central para o bolsonarismo.

Agora, o que diferencia [o bolsonarismo] do conservadorismo que já fazia parte da sociedade brasileira (sempre tivemos políticos conservadores, grupos e organizações conservadoras) é, justamente, essa utilização da política do choque, que é a mobilização do que se chama de politicamente incorreto. Acho que essa é a grande novidade. Antes tinha uma coisa de um conservadorismo não explícito e as pessoas não falavam de forma tão aberta e, alguns, grotesca e ofensiva. Outra coisa que mudou também é o fato de várias pessoas, principalmente, jovens, se autodenominarem e autocompreenderem como pessoas conservadoras e defenderem esses valores de forma muito ativa. Inclusive nas redes começaram a ter youtubers conservadores e pessoas que se expressam até na vestimenta, como homens que usam termo com uma gravatinha borboleta.

É importante dizer que essas mudanças aconteceram como uma reação conservadora a vários avanços entre 2011 e 2014, tanto do ponto de vista institucional quanto ponto de vista societário, que tivemos em relação à discussão das várias demandas de grupos historicamente oprimidos. A própria discussão, por exemplo, da Lei de cotas raciais, do aborto – o de anencéfalos, por exemplo, foi aprovado em 2011 pelo STF – e a Lei Maria da Penha que, por exemplo, as pessoas pensam que é consenso, mas a gente vê que nas entrevistas não é bem assim. Foi uma reação também ao que a gente tem hoje sobre a questão de gênero e transfobia. Isso aconteceu tudo muito rápido, foi para a mídia e hoje tem pessoas trans fazendo propaganda de grandes empresas e de grandes marcas e, obviamente, isso gerou uma reação. Então o que a gente está assistindo hoje é uma reação a todos esses avanços.

Para encerrar gostaria que você falasse do que você chama no livro de *Dream Team*. O que mantém a união entre esses pesquisadores e quais são as pesquisas em andamento?

Essa é uma brincadeira da Esther que ela fazia com a gente. Também tinha outro amigo, o Vinícius Saragiotto do Valle, excelente pesquisador e professor da Faculdade Santa Marcelina. Vinícius é doutor também em ciência política e trabalhou no mestrado e no doutorado com o eleitorado evangélico e fez etnografia, entrevistas e lançou um livro. Eu, Esther e Vinícius a gente fez várias pesquisas juntos, então a Esther sempre brincava que a gente reuniu um pessoal top de linha, éramos o *dream team*. Mas, na verdade, a gente hoje tem várias pesquisadoras e vários pesquisadores excelentes de diversos lugares do país que estão fazendo trabalhos muito bons e eu fico muito feliz com isso. Inclusive outro dia alguém observou que muitas das pessoas que fazem pesquisas sobre o bolsonarismo são mulheres, e eu achei isso muito interessante. Letícia Cesarino, no Sul, a Rosana Pinheiro Machado que teve formação acadêmica no Rio Grande do Sul e agora está na Inglaterra, eu e a Esther aqui no estado de São Paulo e outras pelo país.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Laura. *Valsa Brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia. 2018. p. 119-123.

CORDEIRO, Janaína M. *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

DREIFUSS, René. *O jogo da direita na Nova República*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

GALLEGO, Esther S. (org.) *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MOTTA, Rodrigo P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020.

NAGLE, Angela. *Kill all normies: online culture war from 4Chan and tumblr to Trump and the Alt-Right*. Washington: Zero Books, 2017.

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. Jair Bolsonaro and the Dominant Counterpublicity. *Brazilian Political Science Review*, v. 15, e0004, 2021. Disponível em: <https://brazilianpoliticalsciencereview.org/article/jair-bolsonaro-and-the-dominant-counterpublicity/>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: todavia, 2021.

ROCHA, Camila. 'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Camila. Encontros e desencontros entre petismo e lulismo: classe, ideologia e voto na periferia de São Paulo. 2013. *Dissertação* (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

SALDANHA, B. de S. A aplicabilidade da Lei Rouanet para a promoção de uma base cultural axiológica. *Revista de Direito, [S. l.]*, v. 12, n. 02, p. 01–23, 2020.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

WARNER, Michel. Público e contrapúblicos. *Periódico Permanente*, n. 6, p. 1-17, fev. 2016.



NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Camila Rocha: Doutora. Universidade de São Paulo, Departamento de Ciência Política, São Paulo, SP, Brasil. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, São Paulo, SP, Brasil.

Renan Rivaben Pereira: Mestre. Doutorando, Universidade Estadual de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

R. Arcanjo Cândido Da Silva, 805, 88138300, Palhoça, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

O entrevistador Renan Rivaben Pereira agradece à entrevistada Camila Rocha por sua contribuição e simpatia em todo o processo deste trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

PREPRINT

A entrevista não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Camila Rocha e Renan Rivaben Pereira. Esta entrevista está licenciada sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas nesta entrevista são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Êça Pereira da Silva
Beatriz Mamigonian
Jo Klanovicz

HISTÓRICO

Recebido em: 13 de janeiro de 2022
Aprovado em: 23 de junho de 2022

Como citar: ROCHA, Camila. A nova direita e a empatia crítica do pesquisador. [Entrevista cedida a] Renan Rivaben Pereira. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 547-556, maio/ago. 2022.

